8

Referências bibliográficas

ABREU, Márcia (org.) **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

AGIER, Michel. *Distúrbios identitários em tempos de globalização*. In: **Mana – Estudos de Antropologia Social**. RJ: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contracapa v. 7, n. 2, outubro de 2001.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes & EUGENIO, Fernanda.(Orgs.) **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. RJ: Jorge Zahar Editor, 2006.

ALMEIDA, Rubens Queiroz de. *O Leitor Navegador (I) e (II)*. In: SILVA (org.) **A Leitura nos Oceanos da Internet**. SP: Cortez, 2008.

AMARAL, Dione. **Entre o Manuscrito e o Digital: transformações nas práticas leitoras e escritoras de professores universitários na contemporaneidade**. Tese de doutorado. PUC-Rio, 2008.

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. SP: Papyrus, 2001.

ARIÈS Philippe & DUBY, Georges. **História da Vida Privada – Da Renascença ao Século das Luzes**. Vol. 3, SP: Companhia das Letras, 1991.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ARRUDA, Eucídio Pimenta. **Ciberprofessor: novas tecnologias, ensino e trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC, 2004

ASSIS, Machado de. *Conto de Escola*. In: **Obra Completa**. Vol. II, RJ: Companhia José Aguilar Editora, 1974.

AUGÉ Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papyrus, 2005.

BARATIN, Marc & JACOB, Christian. **O Poder das Bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. RJ: Editora UFRJ, 2006.

BARROSO, João. **O Estudo da Escola**. Porto: Porto Editora, 1996.

BARTH, Fredrik. *A Análise da cultura em sociedades complexas*. In: **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. RJ: Contracapa, 1989.

BARZOTTO, Valdir Heitor. **Estado de Leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total: mito-ironias do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. RJ: Zahar, 2001.

BELLONI, Maria Luiza. *Tecnologia e formação de professores: rumo a uma pedagogia pós-moderna?* In: **Educação e Sociedade**. vol. 19, n. 65. Campinas: Dec. 1998. Artigo disponibilizado na rede em <http://www.scielo.br>, acessado em 28 de janeiro de 2008.

BERGER, P. e Luckmann, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

BERNARDES, Alessandra Sexto e VIEIRA, Paula M. T. *O Chat como produção de linguagem*. In: FREITAS, M., T., de A. E COSTA, S. R. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRANDÃO, Zaia. (org.) **Capital Cultural das Elites: da empiria à teoria**. SOCED/Departamento de Educação, PUC-Rio.

_____ & LELIS, Isabel. *Elites acadêmicas e escolarização dos filhos*. Artigo que apresenta uma síntese da pesquisa de caráter exploratório “Trajetórias Escolares e Processos de Socialização” desenvolvida nos anos de 1999 e 2000.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** RJ: Jorge Zahar Ed., 2005.

CANÁRIO, Rui. **A Escola tem Futuro? Das promessas às incertezas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____ *Os Estudos sobre a Escola: problemas e perspectivas*. In: BARROSO, João (org.) **O Estudo da Escola**. Porto: Porto Editora, 1996.

CANDAU, Vera Maria. *Pluralismo cultural, cotidiano escolar e formação de professores*. In: CANDAU, V.M. (org.) **Magistério: construção cotidiana**. RJ: Vozes, 1997.

_____. **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. *Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s)*. In: **Dossiê 79**, pp: 125-161.

_____(org.) **Sociedade, Educação e Cultura(s): questões e propostas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Características da Educação da Companhia de Jesus. SP: Ed. Loyola, 1987.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura.** SP: Paz e Terra, 1999.

_____. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** RJ: Jorge Zahar ED., 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** SP: UNESP, 1999.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

_____. **A história cultural entre práticas e representações.** RJ: Difel, 1990.

_____. *As práticas da escrita.* In: ARIÈS, Philippe & CHARTIER, Roger. **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes.** Vol. 3. SP: Cia das Letras, 1991.

_____. **Cultura Escrita, Literatura e História.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **Os desafios da escrita.** SP: UNESP, 2002.

_____(org.). **Práticas da Leitura.** SP: Estação da Liberdade, 2001.

_____. **Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação.** SP: Mercado das Letras, 2003.

_____. *A “nova” história cultural existe?* In: LOPES, A. H.; VELLOSO, M. P. e PESAVENTO, S. J. **História e Linguagens: texto, imagem, oralidade e representações.** RJ: 7Letras, 2006.

_____. *As revoluções da leitura no ocidente.* In: ABREU, Márcia (org.) **Leitura, História e História da Leitura.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

CORREA DOS SANTOS, M.P.G.S, **Escola Católica e Formação das Elites: um projeto conservador?** Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, 1996.

COSTA, Sérgio Roberto. *Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na Internet*. In: FREITAS, M., T., de A. E COSTA, S. R. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CRISTAL, David. **A Revolução da Linguagem**. RJ: Jorge Zahar Ed., 2005.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

_____. *O Ofício do Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”*. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica**. RJ: Zahar Editores, 1978.

DAUSTER, Tânia. *Um outro olhar: entre a Antropologia e a Educação*. In: Cadernos CEDES 43 **Antropologia e Educação: Interfaces do Ensino e da Pesquisa**. 1ª Edição – 1997.

_____. *Entre a Antropologia e a Educação: a produção de um diálogo imprescindível e de um conhecimento híbrido*. In: **Revista de Antropologia**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, 2004.

_____. **Os universitários: modo de vida e práticas leitoras**. Departamento de Educação, PUC-Rio, 2000 (Projeto de Pesquisa).

_____. **O campo simbólico da universidade: os professores, a diversidade cultural e a excelência acadêmica**. Departamento de Educação, PUC-Rio, 2002 (Projeto de Pesquisa).

_____. **Escrita na Universidade: os universitários e as relações entre leitura e escrita**. Departamento de Educação, PUC-Rio, 2005 (Projeto de Pesquisa).

_____. **Os paradoxos da leitura: sobre leitores, escritores e crise da leitura**. Cadernos de Educação, PUC-Rio. Departamento de Educação, PUC-Rio. RJ, v.24, 1997.

FERREIRA DO AMARAL, Sérgio. *Internet: novos valores e novos comportamentos*. In: SILVA (org.) **A Leitura nos Oceanos da Internet**. SP: Cortez, 2008.

FISHER, Steven Roger. **História da Leitura**. SP: Editora UNESP, 2006.

FOOTE-WHYTE, William. *Treinando a Observação Participante*. In: GUIMARÃES, A.Z. **Desvendando Máscaras Sociais**. RJ: Francisco Alves Editora, 1975.

FORQUIN, J.C. **Escola e Cultura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRAGO, Antonio Viñao. **Alfabetização na sociedade e na história: vozes, palavras e textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

_____. **Leer y escribir: historia de dos prácticas culturales**. México: Educación, Voces y vuelos, i.a.p., 1999.

FREIRE, Fernanda. M. P. *A palavra (re)escrita e (re)lida via Internet*. In: SILVA (org.) **A Leitura nos Oceanos da Internet**. SP: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. SP: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. SP: Paz e Terra, 1999.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção e COSTA, Sérgio Roberto. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. *A Internet na escola: desafios para a formação de professores*. In: NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Cabeças Digitais: o cotidiano na era da informação**. RJ: PUC-RJ; SP: Edições Loyola, 2006.

_____. *Escrita teclada: uma nova forma de escrever?* Artigo encontrado no endereço virtual: www.google.com/search?hl=en&q=Escrita+teclada&btnG=Search. Acesso realizado em 06 de janeiro de 2008.

_____. *Leitura, escrita e literatura em tempos de internet*. In: PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. **Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces – O Jogo do Livro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GADOTTI, M. e ROMÃO, J. E. *Prefácio*. In: GOMEZ, Margarita Victoria. **Educação em rede: uma visão emancipadora**. SP: Cortez, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. RJ: Zahar, 1978.

_____. *Os usos da diversidade*. In: **Horizontes Antropológicos**. Diversidade Cultural e Cidadania. Porto Alegre, ano 5^o, n.10, 1999.

_____. **Obras e vidas: o antropólogo como autor.** RJ: UFRJ, 2005

_____. **Nova luz sobre a Antropologia.** RJ: Zahar, 2001.

GOMEZ, Margarita Victoria. *Educação em rede: uma visão emancipadora.* SP: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, Escrita e Poder.** SP: Martins Fontes, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** RJ: DP&A, 1999.

HORDARDES, Carlos M. **A evolução da escrita: história ilustrada.** RJ: Editora Senac Rio, 2007.

JACOBY, Russell. **O fim da utopia: política e cultura na era da apatia.** RJ: Record, 2001.

JEANNENEY, Jean-Noël. **Quando o Google desafia a Europa: em defesa de uma reação.** RJ: Contracapa Ed., 2006.

JORGE, Maria Teresa Soler. *Será o ensino escolar supérfluo no mundo das novas tecnologias?* In: **Educação e Sociedade.** vol. 19, n.65. Campinas: Dec 1998. Artigo disponibilizado na rede em <http://www.scielo.br>, acessado em 28 de janeiro de 2008.

KLEIN, Luiz Fernando. **Atualidade da Pedagogia Jesuítica.** SP: Edições Loyola, 1997.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos.** SP: EDUSC, 2002.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia.** SP: Brasiliense, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** RJ: Zahar, 2001.

LOUREIRO, Ana M. B. **Professor: identidade mediadora.** SP: Edições Loyola, 2004.

MACLAREN, Peter. **Rituais na Escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

MAFRA, Leila de Alvarenga. *A Sociologia dos Estabelecimentos Escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em reconstrução.* In: **Itinerários de Pesquisa.** MG: PUC-MG, 2000.

MARCONDES, Danilo. *A crise de paradigmas e o surgimento da modernidade*. In: BRANDÃO, Zaia (org.) **A crise dos paradigmas e a Educação**. SP: Cortez, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (orgs.) **Hipertexto e Gêneros Digitais**. RJ: Lucerna, 2005.

MARQUES, Mario Osorio. **A Escola no Computador: linguagens rearticuladas, educação outra**. Ijuí: Ed. INIJUÍ, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Tecnicidades, identidades, alteridaeds: mudanças e opacidades da comunicação no novo século*. In: MORAES, Dênis. **Sociedade Mediatizada**. RJ: Mauad, 2006.

MARTÍNEZ, Silvia Alicia. *A cultura jovem na ótica dos(as) professores(as) de uma escola de ensino médio*. In: CANDAU, Vera (org.) **Reinventar a Escola**. Petrópolis, RJ: Vozes Editora, 2000.

MAUSS, Marcel. *As Técnicas corporais*. In: **Journal de Psychologie**, XXXII, n. 3-4, 15 de março a 15 de abril de 1936.

MAY, Tim. **Pesquisa Social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MELO, José Marques. *Os meios de comunicação de massa e o hábito de leitura*. In: BARZOTTO, Valdir (org.) **Estado de Leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil, 1999.

MORAES, Dênis de. **Sociedade Midiatizada**. RJ: Mauad, 2006.

MOREIRA, Antonio Flavio B. e SILVA, Tomaz Tadeu da.(orgs.) **Currículo, Cultura e Sociedade**. SP: Cortez, 2000.

MOREIRA, A.F. *Apresentação*; FORQUIN, J.C. *O currículo entre o relativismo e o universalismo*; SILVA, T.T. *Currículo, universalismo e relativismo: uma discussão com Jean-Claude Forquin*; CANDAU, V. *O currículo entre o universalismo e o relativismo: dialogando com Jean-Claude Forquin*. In: **Dossiê Políticas curriculares e decisões epistemológicas: Revista Educação e Sociedade**. No. 73, ano XXI, dez. 2000, pp: 43-83.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. SP: Companhia das Letras, 1995.

NEVES, Ricardo. **O novo mundo digital: você já está nele: oportunidades, ameaças e as mudanças que estamos vivendo**. RJ: Relume Dumará, 2007.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Cabeças Digitais: o cotidiano na era da informação**. RJ: PUC-RJ; SP: Edições Loyola, 2006.

_____. **Na malha da rede: os impactos íntimos da internet**. RJ: Campus, 1998.

NOVAES, Regina. *Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes & EUGENIO, Fernanda.(Orgs.) **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. RJ: Jorge Zahar Editor, 2006.

NÓVOA, António. **As Organizações Escolares em Análise**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

ONG, W. J. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papyrus, 1998.

PAIS, José Machado. *Buscas de si: expressividades e identidades juvenis*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes & EUGENIO, Fernanda.(Orgs.) **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. RJ: Jorge Zahar Editor, 2006.

PAVÃO, Andréa. **O papel da leitura e da escrita nos movimentos de inclusão e exclusão das camadas populares na universidade**. Tese de Doutorado, PPGE, PUC-Rio, 2004.

PÉCORA, Alcir. *O campo das práticas de leitura, segundo Chartier*. In: CHARTIER, Roger (org.) **Práticas de Leitura**. SP: Estação Liberdade, 2001.

Pedagogia Inaciana: uma proposta prática. SP: Ed. Loyola, 1993

PEIRANO, Mariza. **Rituais: ontem e hoje**. RJ: Jorge Zahar Ed., 2003.

PERROTTI, Edmir. *A leitura como fetiche*. In: BARZOTTO, Valdir (org.) **Estado de Leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil, 1999.

RÓNAI, Cora (org.) **Caiu na rede**. RJ: Agir, 2006

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. RJ: Editora UFRJ, 2006.

SCHITTINE, Denise. **BLOG: comunicação e escrita íntima na internet**. RJ: Civilização Brasileira, 2004.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. RJ: Record, 2004.

SIMMEL, Georg. *Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal*. In: **Sociologia**. RJ: Jorge Zahar, 1978.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. (coord.) **A Leitura nos oceanos da Internet**. SP: Cortez, 2008.

TORNAGHI, Alberto. **Escola faz tecnologia, tecnologia faz escola**. Tese de doutorado. COPPE/UFRJ, 2007.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

_____. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

_____. *Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes & EUGENIO, Fernanda.(Orgs.) **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. RJ: Jorge Zahar Editor, 2006.

VORRABER COSTA, M. **O currículo nos limiares do contemporâneo**. RJ: DP&A, 1998.

XAVIER, Antônio Carlos. *Leitura, texto e hipertexto*. In: MARCUSCHI, L. A. e XAVIER, A. C. **Hipertexto e Gêneros Digitais**. RJ: Lucerna, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** SP: Editora SENAC, 2001.

ANEXOS

Outros sites consultados:

- Google News. Disponível em <http://news.google.com>. Acessado em 03 de março de 2008.
- <http://www.rnp.br/pd/ruca.html>. Acessado em 08 de janeiro de 2009.
- <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u21471.shtml>. Acessado em em 08 de janeiro de 2009.
- <http://www.softwarelivre.org/news/6858>. Acessado em 10 de junho de 2008.
- <http://www.youtube.com/watch?v=s4ojFcZlqRU>. Acessado em 02 de fevereiro de 2009.
- <http://www.inclusaodigital.gov.br/inclusao/links-outros-programas/projeto-um-computador>. Acessado em 22 de novembro de 2008.
- http://www.scielo.br.php?acrip=sci_arttex&pid=S0101-73301998000400005. Acessado em 28 de janeiro de 2008.
- <http://www.scribd.com/doc/5570901/Formacao-de-Professores-e-Tecnologia-sim-ou-nao>. Acessado em 17 de outubro de 2008.

ROTEIRO DE ENTREVISTA ALUNOS

1ª. Parte: Perfil

1. Qual a sua idade?
2. Que série você está cursando?
3. A que classe social você julga pertencer?
4. Você mora em que bairro?
5. Você tem computador em casa?
6. Ele é só seu ou você compartilha com outras pessoas da família?
7. Que atividades você faz além das atividades escolares?

2ª. parte: Aspectos Gerais

1. Como você vê mundo de hoje e como se vê nele?
2. Quais seus principais desafios?
3. Como você vê a educação atual?
4. E a escola?
5. A escola em que você estuda. Fale-me um pouco dela.
6. Que conhecimentos ou saberes você julga importantes para o mundo de hoje e para a profissão que você pretende seguir?
7. Fale-me sobre o tipo de aula de que você mais gosta. Como é essa aula?

3ª. parte: Aspectos específicos

1. Como você vê e se relaciona com as novas tecnologias?
2. Você usa o computador com frequência? Para quê?
3. E a internet especificamente?
4. Você gosta de ler? O que prefere ler?
5. A leitura e a escrita são importantes no exercício de sua atuação como estudante?
6. Como se dá a leitura no suporte digital?
7. E a escrita?

8. Como se dão essas práticas de leitura e escrita em casa e na escola?
9. Como são suas aulas?
10. Que instrumentos ou ferramentas são mais utilizados por seus professores?
11. Você saberia dizer por quê?
12. Como você estuda?
13. De que forma você acha que aprende mais?
14. As formas de ler e escrever no suporte digital interferem em seu estudo? De que forma? Quanto?
15. A linguagem utilizada no suporte digital interfere no uso da norma culta ou padrão da língua? Quanto?
16. Em que medida e de que forma o uso mais ou menos freqüente das novas tecnologias interfere no cotidiano dessa escola?
17. E em sua vida escolar?
18. Você usa os computadores da escola?
19. Imagine-se chegando em sua escola trazendo unicamente seu laptop, entrando em uma sala conectada em rede com acesso a internet e a todos os conhecimentos associados às disciplinas de sua série. Você escolhe o tópico a ser estudado que pode estar disponibilizado em forma de texto ou se apresentar como em vídeo, ou das duas formas. Os professores acompanham todo o processo e estarão disponíveis para intervir quando necessário. Como você se vê nesse ambiente escolar? Que facilidades ou dificuldades encontraria?

ROTEIRO DE ENTREVISTA PROFESSORES

1ª. Parte: Perfil

1. Há quanto tempo você é professor(a)?
2. Há quanto tempo trabalha neste colégio?
3. A que classe social você julga pertencer?
4. Você mora em que bairro?
5. Você tem computador em casa?
6. Ele é só seu ou você compartilha com outras pessoas da família?
7. Que atividades você faz além das habituais da profissão?

2ª. parte: Aspectos Gerais

1. Como você vê mundo de hoje?
2. Quais seus principais desafios?
3. Como você vê a educação atual?
4. E a escola?
5. E esta escola? O que representa para você trabalhar nela?
6. Que conhecimentos ou saberes você julga importantes para o mundo contemporâneo, existentes ou não na escola?
7. Como é sua aula? Que instrumentos ou ferramentas você utiliza?

3ª. parte: Aspectos específicos

1. Como você vê e se relaciona com as novas tecnologias?
2. Você usa o computador com frequência? Para quê e com que frequência?
3. E a internet especificamente?
4. Você gosta de ler? O que lê com mais frequência?
5. Como se dá a leitura no suporte digital?
6. E a escrita?
7. Como se dão essas práticas de leitura e escrita em casa e na escola?
8. Você utiliza os computadores da escola?

9. As formas de ler e escrever no suporte digital interferem em seu trabalho? De que forma? Quanto?
10. A linguagem utilizada no suporte digital interfere no uso a norma culta ou padrão da língua pelos alunos? Quanto?
11. Em que medida e de que forma o uso mais ou menos freqüente das novas tecnologias interfere no cotidiano dessa escola?
12. Houve no colégio um grande investimento em tecnologia. Qual o significado ou valor desse investimento?
13. E na formação dos professores para o uso das ferramentas tecnológicas disponibilizadas?
14. Imagine-se chegando na escola, seus alunos trazem unicamente laptops, entram em uma sala conectada em rede com acesso a internet e a todos os conhecimentos associados às disciplinas das séries. Escolhem o tópico a ser estudado que pode estar disponibilizado em forma de texto ou se apresentar como em vídeo, ou das duas formas. Você acompanhará todo o processo e estará disponível para intervir quando necessário. Como você se vê nesse ambiente escolar? Que facilidades ou dificuldades encontraria?

ENTREVISTA 1

ALUNO: FERNANDO

DATA: 26/10/2007

DURAÇÃO: 1h15min

1ª. Parte: Perfil

1. Qual a sua idade?

17 anos.

2. Que série você está cursando?

Estou na 3ª série do ensino médio.

3. A que classe social você julga pertencer?

Classe média alta, né?

4. Você mora em que bairro?

Jardim Botânico

5. Você tem computador em casa?

Tenho.

6. Ele é só seu ou você compartilha com outras pessoas?

Tenho um só pra mim. Tem o do meu pai e a mulher dele e outro dos meus irmãos menores.

7. Quais as atividades de que você gosta ou que você faz além das atividades escolares?

Agora faço pouco, né, porque tem que ralar muito por causa do vestibular. Mas eu gosto de esporte, gosto de nataço, j prticei esgrima, fiz jud. Agora, nado de vez em quando e ando de bicicleta na Lagoa, s vezes. Ingls e espanhol j me formei no curso, ento no preciso mais ir, no.

2ª. Parte: Aspectos Gerais

1. Como você vê o mundo de hoje e como se vê nele? Quais seus principais desafios?

Acho esse mundo muito louco, muito deturpado. Se você vê, tem muita coisa errada, mas também acho que é do jovem achar que tá tudo errado. A política, a corrupção e em nosso país tem mais ou a gente fica sabendo mais, não sei, mas tem coisa errada, absurdos no mundo também. Se a gente ficar analisando, como nas aulas de História e Geografia, analisando a África, a União Européia, os Estados Unidos, tem muita coisa errada. Eu sei que é normal o jovem querer mudar, né? Se pudesse, mudava um monte coisas. Mas o desafio é mudar para onde. Mudar é fácil, mas mudar o quê, pra quê? É difícil, não sei!

2. E a educação atual?

Educação no Brasil é complicado, né? Tirando nós, ponto de excelência, a educação pública tem que mudar. Os governantes só falam, mas não tem jeito, tem que investir em educação, é a saída, e é educação boa pra todo mundo, não só pra quem pode pagar, aliás, acho que a educação pública deveria ser a melhor, pois tem que resgatar um monte de coisa, eu acho, só assim a gente tem chance de melhorar como país.

3. E a escola? E esta escola onde você estuda? Fale-me um pouco dela.

A minha escola não tem tanta dificuldade, não desse jeito. É uma ótima escola, né? Uma das melhores do Brasil, então é difícil ... O desafio das escolas em geral e que a nossa faz bem, eu acho, é formar não só intelectuais, pessoas capazes, mas cidadãos. E aqui tem um trabalho muito bom nisso. A gente aprende outras coisas além das matérias, tem formação, valores, essas coisas... Todos esses anos em que estou aqui, a formação é prioritária, não é só intelectual, mas na moral, no senso crítico. Não é só a formação no ensino técnico que é importante, mas se formar moralmente e criticamente, você entende, né?

4. Que saberes/conhecimentos você julga importantes para o mundo de hoje e para sua futura profissão?

Se for falar das disciplinas, mais aulas de História e Geografia, principalmente. Elas vão te mostrar como a sociedade é... Sociologia também é importante. O colégio supre isso, mas poderia ter mais. Sociologia e Filosofia agora são obrigatórias pelo MEC, né, porque são matérias de reflexão, são conhecimentos que têm uma conotação bem positiva. E isso é necessário pra gente entender o mundo que está à nossa volta. Se tivesse aula de outras matérias, a gente teria acesso mais fácil a muita coisa. Acho que é isso.

5. Fale-me um pouco sobre o tipo de aula de que você mais gosta. Como é essa aula?

A aula depende do professor, né? E o professor tem que ser questionador, revolucionário, assim, não no sentido pejorativo, estudioso pra cacete para incentivar a gente a estudar. Ah, tem que saber relacionar a matéria com a vida útil, a nossa vida. É horrível você ver que aquilo não tem nada a ver com a vida. É, a aula boa depende mesmo do professor. Não é só passar a matéria, isso é extremamente simples. Tem que ter mais, mesmo que ele use só a palavra. Eu não sou a favor de, durante a aula, o professor usar um monte de coisa, sabe? Porque, dependendo do que for, dispersa e fica um saco. Depende, às vezes pode ser bom, depende da matéria e do assunto, mas, na maioria das vezes, é melhor usar só o quadro e o professor explicando. Eu prefiro.

3ª. Parte: Aspectos específicos

1. Como você vê e se relaciona com as novas tecnologias? Você usa com que frequência?

Eu sou um pouco cético com essas coisas, mas gosto também e tento conciliar minha vida com isso. Acho que elas vieram pra ajudar, pra melhorar a vida da gente, mas tem que ter cuidado, senão é só isso e não é por aí. Tem coisa mais importante na vida, senão a gente fica escravo e o ser humano precisa de outras coisas, eu acho. Mas acho legal ter tantas facilidades com tecnologia, hoje.

2. Você usa com que frequência?

Escrevo no computador, converso com as pessoas. Acho importante na comunicação, é isso que a gente tá vivendo, né? Uso muito para escrever pra mim e, principalmente pra conversar, praticamente pra me comunicar.

3. E a internet? Qual o uso e a frequência?

Uso a internet pra conversar, uso quase todo dia, quando tenho tempo. E também uso pra estudo, pra pesquisa, pesquiso em alguns sites que são importantes para mim. Baixo por tema, consulto bastante.

4. Gosta de ler?

Gosto. Agora leio mais coisa de estudo, é muita coisa pra estudar, não dá tempo de ler outras coisas, não. Leio jornais pra me manter atualizado, principalmente por causa do vestibular, e algumas revistas como VEJA, Isto É, assim, desse tipo.

5. E livros?

Pois é. Agora fica difícil. Mas gosto de ficção científica. Romance acho chato, mas leio quando é pro colégio. Até o ano passado tinha mais leitura, agora é mais corrido. Agora, fora da escola, só mais revistas e livros de ficção.

6. Você lê na tela do computador? O quê?

Ah, não sei não, leio alguma coisa, mas prefiro mais ler no papel, no livro. Gosto de ter um contato, uma intimidade mais direta com o livro. Acho melhor, mais confortável, me concentro mais, não sei, mas prefiro.

8. E escrever?

Agora, pra escrever, prefiro escrever no computador, porque, no papel, meu cérebro fica girando, sei lá, e não dá para escrever e apagar e escrever de novo. Nesse ponto o computador é mais interessante, permite ir mais rápido e você faz mais coisa. Mas ler, não. Pode ser que algum dia eu me acostume, mas.... não sei.

9. Como se dão essas práticas (leitura e escrita) em casa e na escola?

Na escola, não uso, não. Uso mais em casa. Quando vou à biblioteca, prefiro consultar livros, é mais certo, tenho certeza que o que está lá tá certo. A gente já tem aula no laboratório de informática, e lá o professor orienta os *sites* legais, que dá pra confiar... é... mais ou menos. Prefiro os livros e o computador em casa pra outras coisas.

10. Como são suas aulas? Que instrumentos/ferramentas de leitura e de escrita são mais utilizados por seus professores? Você saberia dizer o por quê?

Os professores usam mais a exposição oral. Depende da matéria. Às vezes algum usa alguma coisa diferente, um vídeo, usa o quadro interativo. No 3º ano é mais difícil. Mas acho que as duas formas são importantes, mas o que acontece mais é a forma mais tradicional, a exposição, e eu acho legal. Os alunos acham a gravação, o filme, o vídeo uma coisa banal. Acham que é brincadeira, só falta a pipoca! Não é aula. Estamos condicionados a isso. Aula é aula no quadro, giz ou pilot e professor falando. O povo ainda tem que ser adestrado para a tecnologia, eu acho. Eu aprendo das duas formas, mas prefiro a tradicional, e elas são complementares, mas depende da aula e do professor. O dinamismo da aula expositiva cai quando o professor escreve muito no quadro, mas com a tecnologia, pode dar sono também, isso quando o aparato não funciona e se perde um tempo enorme, fica chato, fica chato.

11. E o estudo, Fernando? Como você estuda? De que forma aprende mais?

Uso o caderno com as anotações das aulas, os livros, e consulto alguma coisa na internet, mas quando vejo alguma coisa interessante, eu imprimo e leio. Ah, e escrevo, gosto de escrever, fazer uns resumos pra gravar melhor, e prestar bastante atenção nas aulas, o que às vezes não é fácil, porque é aula de manhã e à tarde alguns dias, e aí fica difícil, mas é isso.

12. Então ler e escrever são atividades importantes quando você estuda, quando você aprende?

Sempre, sempre. A gente lê e escreve o tempo todo, né? É na escola que a gente aprende isso, e acho que é por aí mesmo.

13. E as novas formas de ler e escrever digitais, na tela do computador, interferem em seu estudo, têm importância? Quanto?

Um pouco, porque eu escrevo mais no papel, mesmo, principalmente na escola. Agora, quando vou fazer um trabalho, escrevo no computador e isso me ajuda muito.

14. Você sente que escreve mais por causa do uso no computador?

Nunca tinha pensado assim. Mas acho que sim. A gente escreve pras coisas da escola, pra estudo e escreve também no *msn*, com os amigos. Acho que assim acaba escrevendo mais. Mas é mais sem ligar se está certo ou não, né? É diferente.

15. Em que é diferente? É a linguagem própria do computador? Me conta como você escreve na tela e se essa linguagem interfere no uso da norma culta ou padrão da língua.

De jeito nenhum. Uso a linguagem normal, não a digital, e não interfere em nada na minha vida. Acho que isso é gênero, tem até gente que usa, os meus amigos não usam, porque a gente conversa no *msn* e eles não usam, escrevem normal, sem muita preocupação, mas sem aquela forma esquisita. Acho isso desnecessário. E no colégio, todo mundo sabe como deve escrever, é dentro da norma padrão. A gente já sabe desde pequenininho, né?

16. Outra coisa: em que medida e de que forma o uso mais ou menos freqüente das novas tecnologias interfere no cotidiano dessa escola?

Ah, tem aula de informática no laboratório, tem computador na biblioteca. Acho legal, facilita a vida do aluno. Pra quem usa muito, é legal, é legal

saber que o colégio tem e investe nisso, acho importante pra quando a gente precisa e quando um professor precisa e sabe que tem.

17. Você usa muito o computador na escola?

Ah, não muito. Aliás, muito pouco. Prefiro ir aos livros e às apostilas que os professores fazem. Computador é mais em casa, pra conversar com os amigos, jogar, ver filmes legais e entrar em alguns *sites* pra consultar alguma coisa. É isso.

18. Então em que medida e de que forma a tecnologia interfere em sua vida?

A tecnologia é complementar, mas é importante. Esse é o mundo que a gente tá vivendo e é importante saber e saber usar, se não você fica... assim... por fora e sem acesso, sem comunicação. É, as novas tecnologias são importantes, mas não são as coisas mais essenciais na minha vida.

19. Imagine-se chegando em sua escola, trazendo unicamente seu laptop, entrando em uma sala conectada em rede onde tem acesso a todas as disciplinas ou conhecimentos de que necessita. Você escolhe o tópico a ser assistido ou estudado que pode ser escrito ou em forma de vídeo. Os professores acompanharão tudo e estarão disponíveis para eventuais dúvidas. Como você se sentiria nesse ambiente escolar? Que facilidades e/ou dificuldades encontraria?

É besteira. Eu não iria gostar disso, não. Trocar livros por computador? Eu não sei como ficaria isso. Isso me preocupa. Será? Não ter professor ou ele ficar distante é horrível, ele é um dos principais atores. Eles trazem muita bagagem e levam também para casa. E seria uma coisa fria, e meus colegas... não sei. Se acontecer, ainda bem que eu estou terminando...

ENTREVISTA 2

PROFESSORA ANNA

DISCIPLINA: ARTE

DATA: 06/03/2008

DURAÇÃO: 1h35min

1ª. Parte: Perfil

1. Há quanto tempo você é professora?

Sou professora de Arte ou arte-educadora há 26 anos.

2. Há quanto tempo trabalha neste colégio?

Estou no colégio há 20 anos.

3. A que classe social você julga pertencer?

Acho que pertenço à classe média, né? A gente não tem muito parâmetro hoje. A gente tem o operário que somos todos nós e as pessoas que efetivamente têm muita grana, né, e a gente não tem muita dimensão. Mas classe média ou a antiga classe média.

4. Você mora em que bairro da cidade?

Hoje em dia moro no Humaitá.

5. Você tem computador em casa?

Tenho dois. Um computador de mesa e um laptop.

6. Eles são seus ou você compartilha com outras pessoas da família?

O de mesa é só meu, o laptop é do João Alfredo, meu marido.

7. Quais suas principais atividades, além das escolares, do trabalho em si?

Eu gosto de andar, eu gosto de ler, eu adoro passear, ontem vi um pôr do sol lá na Urca maravilhoso, tomar um chopinho com os amigos, fazer bijouteria, fazer *papier marchê*, pintar, fotografar, enfim, um monte de coisa que eu gosto de fazer quando eu não estou dando aula.

2ª. Parte: Aspectos Gerais

1. Como você vê o mundo de hoje? Quais seus principais desafios?

Complicado dizer. Acelerado, pra dizer o mínimo. Simultâneo, veloz, com questões que foram resolvidas, então vejo avanços em diversos aspectos,

mas vejo também muita injustiça, violência, desigualdade. A humanidade, eu acredito, continua hoje a enfrentar muitos dos desafios que as gerações anteriores enfrentaram. Acho que cada época enfrenta desafios próprios, mas há outros que perduram, porque é próprio do ser humano voltar-se para outras épocas e achar que era melhor. Mas há lutas que são eternas, pela paz, por justiça etc.

2. Como você vê a educação hoje, a escola. Há diferenças de quando você começou? Quais?

Bom, escola, educação, de quando eu comecei a trabalhar, hoje tenho alguns privilégios. Já trabalhei com crianças, desde criança de 3 anos de idade até adultos na faculdade. Então é uma trajetória que é interessante, nos diferentes segmentos, em escola pública e em escola particular. Enfim, acho que isso me dá uma visão bastante interessante.

3. É mesmo. E hoje?

A questão que hoje eu vejo como grande diferencial é a imaturidade desses jovens. Eu acho que eles têm um tutorial muito grande, desde a questão física, que conhecem o seu condomínio, ônibus ou van que pega na porta de casa e leva pra escola, ou o pai que deixa no shopping porque vai pro cinema. Eles são muito tutoriados, então a questão física e a liberdade que você teria de alguma forma, que eu tive, eu ia à praia com 15, 16 anos sozinha, voltava, fui estudar na UFRJ, fui fazer minha matrícula no Fundão, sozinha. Isso não é uma coisa que exista hoje em relação aos jovens. Aí a gente tá falando um pouco dessa escola que a gente conhece, diferentemente dos meninos que eu tenho no INES, de classe bastante pobre, que moram muito longe, aqueles que acordam às 4 da manhã pra chegar às 7 na escola. Esses daqui já têm essa tutoria efetiva, familiar, ou do pai, da mãe, da babá. Então eles não sabem arrumar uma mochila, eles não conseguem se organizar porque sempre tem alguém por detrás que de alguma forma faz isso. Tem situações hilárias de um menino de 15 anos que pega um pote de tinta, o pote na mão e a tampa na outra e 'que é que eu faço agora?' que era tampar a tinta e colocar de volta no lugar.

4. Falta alguma coisa, então?

Acho que você tem uma questão que é complicada que é a solidão entre aspas, que ao mesmo tempo em que você pertence a um grupo, você está muito solitário, seja na própria questão do computador, do *msn* que eu estou com alguém do outro lado, mas eu estou sozinho, os *ipod*, *mp3* ou o que quer que seja, você ouve música sozinho, os joguinhos *on line* dessas coisas pequenininhas onde você está sozinho. Então, as questões da interação social, elas são bastante complexas hoje do meu ponto de vista, porque mesmo na escola que é o grande espaço social hoje, cada um está fazendo uma coisa sozinho, porque o material que eles não esquecem é o *mp3*. Eles podem esquecer qualquer coisa, mas o *mp3* e o chiclete são duas coisas que fazem parte desse... acho que já está impregnado. Eu vejo isso como uma grande dificuldade, porque eu não posso com nada no meu ouvido. Então essa dificuldade, essa não autonomia. Por outro lado a gente sempre coloca que a escola tem que formar pra vida, né, mas qual vida? Porque a gente desconhece, porque essa questão formal, formação, eu acho que ela tá muita restrita. Ah, mas a internet hoje possibilita um tanto de coisas. Você tem um monte de informação, não necessariamente apropriação de conhecimento. São duas coisas completamente distintas. De modo que essa trajetória talvez seja para mim o maior marco. O jovem tem muito mais acesso, tem a fonte, mas falta a ele um pouco dessa autonomia, de ir e vir, de ter mais busca, de ter desejo. Eu acho que fica sempre no limite do necessário e aí na questão da escola como um todo, eu acho que você tem um nível de exigência que é a escola integral, pro tipo de trabalho que você quer, pro tipo de pesquisa, pro trabalho em grupo etc. e a escola, ela é meio período.

5. Esta escola, o que representa para você trabalhar aqui?

Este colégio é a escola de formação que eu tive. Eu entrei aqui eu tinha 4 anos de formada, entrei no meio do ano pra substituir uma professora que tinha casado e ido embora pra São Paulo, entrei no fundamental 1, onde as pessoas tinham uma faixa etária bastante maior do que a minha, eu não tinha 30 anos ainda na época, e as pessoas já eram avós, os filhos já estavam na faculdade. Era uma diferença muito grande. Havia algumas

“paquitas” que era um grupo de pessoas muito pequeno. Do fundamental 1 fui pro fundamental 2 e do fundamental 2 também pro ensino médio. Fiquei como coordenadora durante 13 anos, o que me permitiu não só conhecer a escola de forma vertical, mas horizontal, e aquilo que o colégio possibilita que são as inter-relações, que a partir do Centro Pedagógico você teve os encontros com as outras escolas, eu acho que a gente cresceu muito, eu acho que todas as coisas que eu pude fazer como formação continuada foi o que o colégio de alguma forma me instigou a fazer, como formação ao conhecimento, interação... As pessoas com as quais eu convivo, eu acho que elas me incentivaram muito a isso também, a oportunidade de poder fazer o mestrado, o mestrado na PUC, isso foi um pouco de incentivo das pessoas e daquilo que eu acho que o colégio coloca pra gente como desafio que é você não estar estabilizado e conformado com aquilo que você faz. Eu acho que o colégio tem esse movimento de você poder ser mais, nem é saber mais como conhecimento, mas de você partilhar, de você poder estar com o grupo, eu acho que isso é uma coisa importante, acho que a gente precisa melhorar sempre mais, eu acho que essa desinstalação, isso é que eu acho que nesses 20 anos me foi provocado. Acho que o professor que consegue se adaptar ao colégio, ele trabalha em qualquer lugar, e aí ele vai se desinstalar em qualquer outro lugar, e não vai se acomodar. Da mesma forma que os meninos tem uma marca inaciana, o professor que veste de verdade a camisa do colégio, ele tem uma marca inaciana. E aí não é só a questão acadêmica, eu acho que tem a questão religiosa que vai em paralelo, o processo de formação, eu acho que ele vai num caminho e eu pude participar de seis ou sete anos de semana santa jovem, alguns encontros e retiros de oração inaciana e isso me fez olhar pro colégio e pras pessoas de um outro jeito. Por outro lado também, o fato de eu trabalhar em outra escola com um outro grupo me ajuda a olhar para este aqui, pras questões que a gente tem que possibilitam, como uma boa biblioteca, os computadores, as pessoas com as quais você pode trocar informações etc., me fez melhor como pessoa, sem dúvida. Se eu não tivesse entrado no colégio, eu não sei se eu faria as coisas todas que eu já fiz.

6. Que conhecimentos, saberes você julga necessários ou importantes para o mundo contemporâneo, existentes ou não na escola?

Eu acho que nunca vai ser suficiente, por mais que a gente ensaie algumas coisas na escola. Eu acho que o exercício da oratória é uma coisa fundamental, que é a forma como você vai colocar seu pensamento para todos. A organização de grupo, atividade, porque eu não gosto de trabalho de grupo, porque eu faço uma distinção entre trabalho de grupo e trabalho em grupo, então essa forma de você trabalhar em grupo, com o grupo, no grupo, eu acho que ele tem um sentido que é fundamental. Eu acho que o processo criador, e é óbvio que eu estou falando de mim e da minha disciplina que é você reinventar coisas, eu acho que a gente tem coisas que podem sempre ser revistas e você tem que reinventar, no processo de você construir, de você passar informação, de você se comunicar e etc. eu acho que o processo criador tem que permear a tudo e a todos por que a gente não pode ser só copista nem marcador de cruzinha. Eu acho que o processo criador vai pra tudo aquilo que a gente faz. A questão do ponto de vista, da perspectiva que você vai ter sobre qualquer assunto.

7. Então, é mais a oratória?

Talvez seja isso, a questão da oratória, que você poder sintetizar sua forma de pensamento com o grupo em grupo, o processo criador que é aquilo que vale pra tudo aquilo que você vai fazer, a forma de você organizar seu quadro, a forma como você vai organizar seu caderno, pra forma como você vai mandar um texto pra alguém ou pra aquilo que você escreve. O que vai fazer de você diferente, recriar pro mundo, não sei se a escola dá conta muito disso não, mas eu acho que essas coisas são importantes.

3ª. Parte: Aspectos Específicos

1. Como você vê e se relaciona com as novas tecnologias?

Quando eu estava no ensino médio, eu saí de uma escola pra outra e aí, naquela época, tinha o tal curso profissionalizante, e eu tinha que levar para o ensino médio alguma coisa já do curso profissionalizante e aí eu fui fazer um curso que na época não era nem de computador, não vou me lembrar exatamente o nome, mas que era do sistema, que era cobol, tinha a célula, tinha um fluxograma, você aprendia a montar o programa e por mero acaso ou não, coincidências não existem, eu fazia esse curso na PUC. Então a gente digitava, fazia, montava o fluxograma, digitava os cartões, levava esses cartões pra um lugar onde você não via sequer o computador, ele era tão grande que ocupava grandes espaços etc. e foi esse o caminho inicial. Depois isso ficou pra trás e em 1997 eu comprei meu 1º. computador. Custou 2 mil dólares, era muito dinheiro, era uma impressora, aquele papel grande, ficava um barulho danado, tinha que botar isopor por cima se você fosse trabalhar de noite pra não fazer tanto barulho etc., mas era o computador sem a internet. Eu só fui ter internet em casa em 1999 quando eu comecei o mestrado. Entre 97 e 99 eu trabalhei junto com Cereja, lá no colégio, com uma proposta do Pe. Félix de introduzir pra 7ª. série que não tinha Arte, introduzir um trabalho de Arte que seria um trabalho diferenciado, juntando Arte com as novas tecnologias e a gente começou a fazer um trabalho de animação gráfica. E a 1ª. coisa que eu falei para o Cereja é 'eu não preciso mexer no computador, não, né?' Meu conhecimento era zero. E aí eu comecei a brincar com isso sem que eu precisasse fazer as coisas. Os programas eram muito mais reduzidos do que é hoje, mas aquilo começou a me interessar e eu fui fazendo, fui fazendo, fui fazendo... Em 99, no mestrado, eu tive que aprender muitas coisas que eu não sabia. Eu adoro fazer uma coisa que as pessoas odeiam que é formatar texto. E eu fui assim, curiosa, a internet me possibilitou várias coisas de conhecimento, de busca, de interesses, de descobrir um outro mundo. Eu acho que tem uma tecnologia do bem, tem uma tecnologia do mal, horrorosa, que é pobre, pequena, mas há outra que

é fantástica. E eu me dou muito bem. Nesses anos todos, esse ano trabalho com o 8º ano agora com animação gráfica, passando por diferentes situações ao longo desses anos, diferentes setores, não trabalho mais com Cereja, trabalho com Marquinhos há algum tempo, e sou muito curiosa, aquilo que não sei eu quero aprender, não tenho vergonha de dizer que não sei, mas acho que a gente tem que se apropriar disso, até porque os meninos estão muito mais espertos.

2. Eles estão mesmo. Como é isso hoje prá você?

Ontem a gente estava comentando sobre a questão da autoria e é muito complicado, porque você efetivamente tem que dar conta das fontes as quais você consulta, porque porcaria existem muitas, e qualquer um pode comprar uma tese de doutorado. A questão é de que forma você vai usar da sua própria ética e das fontes que você consulta. Eu procuro me dar muito bem, não acho que ela vá resolver nada, mas ela foi o grande caminho pra mim, eu lido muito bem, eu curto, eu gosto, cuido do meu computador que nem eu cuido de um carrinho. Eu não só boto gasolina, eu limpo, eu arrumo, deixo ele bem bonitinho pra não ter problema. E cuido o dos amigos também. Eu tenho meu computador, João (marido) tem o dele, que é um laptop. Essa rede foi boa. Eu uso o dele, ele usa o meu. Hoje em dia, você ter dois computadores facilita prum monte de coisas, já que você tem mais de uma pessoa na casa. Os trabalhos hoje são feitos no computador e em rede, enfim.

3. Mas qual o uso mais freqüente do seu computador?

Não tem uso mais freqüente. Eu uso muito pra pesquisa de imagem, isso pra mim talvez seja a coisa mais primordial. Eu monto muito *power point*, mas também estou me disciplinando para escrever. Estou escrevendo dois artigos que estão me dando muito prazer assim, dois relatos de experiência para um livro. É de uma colega do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) que está escrevendo um livro e a editora pediu a ela um artigo de Arte. Ao invés de fazer uma coisa mais acadêmica, é óbvio que a gente já tem esse formato na cabeça, não é só um relato de experiência, já que a gente tem que dar as fontes de informação, e aí eu

estou me disciplinando mais. No final de semana é quando eu sento pra poder escrever. Mas o meu sumário na verdade eu organizei várias imagens e aquela seqüência das imagens do meu trabalho foi um pouco do meu sumário. Eu uso muito pra pesquisar; prá montar roteiro de viagem, que tem sido uma coisa muito bacana prá isso; uso pra questão de mapas da própria cidade; uso muito pra e-mail, não pra mandar correntes, pois *e-mail* pra mim hoje é uma fonte de troca de informação. Às vezes a gente acha uma coisa bonitinha em *power point*, mas acho que 99% das pessoas hoje não têm mais tempo pra ficar lendo essas coisas, então a não ser que seja uma coisa realmente importante, então ele é realmente um meio de comunicação.

4. E a Internet?

Internet é o “mundico”, né? Então é assim. As minhas cunhadas moram fora do Brasil, tenho duas amigas que moram fora do Brasil, então o *skipe* que é via telefone, eu uso muito, porque no computador é “de grátis” (sic), então você pode falar e ver. A gente fez no dia das mães com a minha sogra em dois momentos, e ela pôde falar com filhos e netos, nos Estados Unidos e na República Dominicana, e ela se emocionou muito, assim; “Esse computador é fantástico!” Porque é uma coisa muito distante da realidade, ela com oitenta e três anos e o máximo que ela fazia era ir ao banco e usar o cartão, ou talvez o metrô mais raramente, mas eu acho que é essa aproximação, e isso realmente aproxima as pessoas, então eu acho isso muito legal. Eu tenho muito contato com o *msn* dos meus alunos surdos, e também de alunos e ex-alunos deste colégio. É uma coisa que eu uso muito, até pra deixar recado, ao invés de usar e-mail, deixo um recado no *msn*, quando a pessoa abre já tem um recadinho lá.

5. Você gosta de ler? O que lê e com que freqüência?

Eu adoro ler. Profissionalmente eu leio algumas coisas. Eu gosto muito de biografias, eu adoro, eu gosto muito de livros de história, tô terminando de ler “JK”, que é um livro muito interessante, uma biografia muito bacana, tudo tijolo, né, e aí eu levo mais tempo prá ler. Li há pouco tempo “Nas Barbas do Imperador” que é um estudo sobre a importância de Dom Pedro

II na formação da côrte, enfim, muito legal. Li sobre o Jardim Botânico. Dei pro João e quero ler sobre uma obra de um pintor falsário. E por aí vai...

6. Como você lê no suporte digital?

Com facilidade, não. Sempre que posso pra ler, por exemplo, as coisas dos portais, *clipping* notícia, tipo G1, ou portal do Terra, eles facilitam um pouco porque você pode aumentar a letrinha, 'titia precisa de óculos pra perto' e quando a letra é grande e é um pouco do que eu tenho feito hoje em dia. Os textos, por exemplo, eu não trabalho com letra 100%, eu boto 150% pra ter uma leitura mais fácil. Eu leio, eu leio. Hoje em dia você tem o tal do livro *clip* que você vai virando a página. Vou mandar pra você ver. Alguns sites, eles têm feito isso, você vira a página, alguns sites mais voltados pra Arte ou alguma coisa de propaganda e tal. Agora, livro é diferente, né? Livro tem cheiro. Eu imprimo 99% das coisas, eu imprimo por que me facilita, porque você pode deslocar. Então, meu computador é de mesa, mas mesmo que eu tivesse um laptop só meu, você não vai ficar saindo de ônibus com laptop pra cima e pra baixo. A leitura facilita quando você pode imprimir e aí você vai no inverso, porque a impressão, você tem que ocupar menos espaço, pra gastar menos tinta, gastar menos papel, então a letrinha passa a ser mais pequenininha, a formatação fica diferente.

7. É essa relação com o livro?

Ah..., a leitura no livro é extremamente mais prazerosa. Cheiro de livro novo é tudo de bom. Foi uma coisa que herdei de meu pai, uma casa com jornais, revistas e livros. Então, na minha infância eu lia livros clássicos, além daqueles livrinhos que a gente tinha que ler para a escola, eu gostava muito de ler os clássicos e tinha acesso a isso, que não era uma coisa muito comum. Então, ter uma boa biblioteca, eu digo assim, todo professor deve ter livros de referência e livros de referência não são livros didáticos. Livro didático, de preferência, a gente poderia jogar fora, mas livros de referência aos quais você poderia ir às fontes para você montar seu processo de trabalho. E autores aos quais você teria seus pontos de referência.

8. E escrever?

Hoje em dia eu estou mais metida. Já escrevo no computador. Mas durante muito tempo só escrevia no papel. Na época do mestrado que era um tempo mais intenso de escrita, eu imprimia, fazia as correções no papel e ia colocando no computador. Porque correção no computador é muito complicado. Você vai colocando em amarelo. Mas hoje, estou mais metida e escrevo direto no computador. Agora, adoro um caderninho, adoro lápis. Gosto de escrever a lápis, adoro papelaria. Lápis eu tenho aos montes, não é lapiseira, é lápis.

9. Eu também, adoro lápis. Me conta agora como se dão essas práticas de leitura e escrita em casa e na escola? Você usa muito o computador da escola?

Não. É mais em casa. A gente tem um computador na escola que é compartilhado com outros professores, tipo ler e-mail, eu mando alguma coisa pro meu e-mail na rede, imprimo na escola, mas trabalho de pesquisa é em casa.

10. Você disse nessa entrevista que em sua trajetória no colégio, você juntou a tecnologia, o uso do computador com sua disciplina. Em que esse recurso enriqueceu suas aulas? Como foi isso?

A questão da pesquisa em termos de arte, ele foi fundamental. No meu processo de formação inicial, a gente tinha pouco acesso a certos livros. Livro de Arte sempre foi muito caro. Quando você tinha em mãos um livro de Arte, você tinha que imprimir aquilo, pra imprimir tinha que ser em cor, então o custo, na verdade, pra se dar aula, sempre foi um custo muito alto, seja de impressão em transparência, seja de impressão em colorido, e nessa trajetória de você trabalhar com as imagens, com o processo de leitura, já é um processo longo que vai lá de 1988, na minha trajetória ele já vem há muito tempo, de você montar banco de imagens, e aí, de alguma forma, a internet me abriu, porque eu pude descobrir não só artista que eu não conhecia, como me possibilita imprimir coisas na minha impressora ou na impressora do colégio que eu levaria muito mais tempo pra poder adquirir. Mas não me impede de, por exemplo, de ter comprado na França,

agora, um único livro que é de uma artista plástica que provavelmente, no Brasil, eu não compraria. E só se você encomendasse que você teria.

11. Você estudou algo disso no mestrado, não?

É. Quando eu pude estudar a formação dos professores de arte com aproximação com as novas tecnologias, e eu já estava trabalhando com aquilo há uns dez anos, eu descobri que na formação desses professores não havia nenhuma aproximação, me assustou, porque se eu, já velhinha na minha formação, já estava trabalhando há dez anos, esses professores que estariam se formando, já tinham que estar de ponta e eles não estavam, ou seja, por mais que a contemporaneidade mostrasse a importância da aproximação com as novas tecnologias, seja ela o computador, o vídeo, a fotografia etc., eram novas velhésimas (sic), né? Mas aquilo que se aponta hoje como novas tecnologias, eu descobri que não havia e não havia dentro da minha própria equipe na época que eu era coordenadora. E isso de alguma forma fez com que eu pudesse agregar a essas pessoas um outro valor, de estudo, de pesquisa, a partir dessa proposição, e aí duas pessoas da equipe foram fazer pós-graduação. Esse entendimento da tecnologia ultrapassa a questão do computador, óbvio. E aí quando você fala a questão das habilidades, a utilização do meio tecnológico é também uma outra habilidade e aí ele vai pra várias coisas, as fontes seguras, a forma com a qual você vai lidar com o texto e com a pesquisa. E aí eu não quero ficar falando do copia e cola, porque isso também era feito no livro, não é? A pesquisa do copia e cola. Só que dava mais trabalho, tinha que ler e copiar e no computador é mais rápido.

12. É, isso sempre existiu.

Na questão dos professores, que a gente sabe muito pouco e é uma pena, que a gente pode a partir da própria frase, saber de onde aquilo foi copiado. Já tive essa experiência na faculdade de alunos em que o trabalho efetivamente era uma cópia e aí fica mais complicado. Mas eu acho que a gente tem que oferecer pros meninos um apanhado daquilo que a gente conhece, não é saber mais ou saber menos, e aí eles vão dar banho, vão apertar botão, mas não é uma forma de você poder construir e

elaborar. Isso eu acho que é uma outra dimensão. Quando eu pude associar a questão do trabalho com animação gráfica com alunos de 12, 13 anos, ainda havia uma resistência, resistência porque não é simplesmente você baixar e fazer *download*, como ele faz com música, ele faz com vídeo. É um processo de você construir, como se fosse quase um banco de dados e você tem que alimentar pra você ter seu trabalho final. E isso dá trabalho. E tem que pensar, tem que organizar. Então não é de forma aleatória, então esse processo de pensamento que ajuda a organizar, ele traz uma certa resistência, porque não é apertar o botão, não é dar um *enter, enter, enter...* Mas eu acho que com o tempo, a gente pode ajudar esse jovem a construir um processo de trabalho.

13. Em que a linguagem cifrada utilizada pelos jovens interfere no uso da norma culta, defendida pela escola? Você percebe algo em relação a isso?

Eu acho que não. Acho que é desse espaço que é o espaço do *msn*, do *orkut*, do *e-mail* e tal. Eu tenho desenvolvido um trabalho com o meninos de síntese e justificativa do trabalho plástico, e eu tenho podido perceber que eles estão saindo desse senso comum. E justificar um trabalho plástico não é fácil, não é simples, pelo material, pelo tema, pela forma como você colocou porque a própria arte contemporânea ela vai interrogar, então eles vão fazer, e seguir as regras, as regras da escola em qualquer disciplina. Então na escola você não vai escrever como escreve no *orkut*, no *msn* e isso pra mim já tá uma coisa mais ultrapassada. Escrevem sintetizado, mas não daquela forma.

14. Houve, nesse colégio, um investimento muito grande em tecnologia, em termos materiais e humanos. Qual o significado ou o valor desse investimento para este colégio?

Acho que tem um significado importantíssimo, no início foi ajudar na formação das pessoas, nessa aproximação com as tecnologias. São dois grandes diferenciais que eu vejo. O primeiro é que você tem uma espinha dorsal na verticalidade do colégio aonde, pelo menos, uma disciplina está ligada à questão da informática como um recurso onde a disciplina utiliza

o laboratório como mais um dos recursos, um dos meios. Isso pra mim é um diferencial. Outro é você ter o corpo de apoio e ajuda, e interação que são as pessoas que trabalham na informática educativa. As parcerias que foram feitas, acho que isso é fundamental, porque não é um instrutor, não é um técnico, é um professor que, junto com você, vai trabalhar, vai organizar, vai te ajudar, vai te dar o melhor caminho ou você vai dar o melhor caminho a ele, mas essa interação, essa troca, ela é fundamental. A gente que conhece outros lugares, outras escolas, funciona tudo muito diferente. Então no laboratório de informática tem o técnico e ele vai ensinar o programa x, y ou z. Isso em grande parte das pessoas nas escolas é assim que funciona e aí você não aproxima os professores que não têm essa afinidade com a tecnologia, pelo contrário, você afasta. Existe alguém que está no laboratório pra trabalhar o programa pra ter um trabalho final. Então ele não tem que pesquisar, ele não tem que se apropriar de nada, ele não tem que estar junto com esse professor intelectualmente, então você vai afastando cada vez mais esse professor e então é isso. Além do que eu vejo que é, além das disciplinas que estão ligadas nas diferentes séries à informática educativa, os laboratórios e os espaços da mídia, da informática estão abertos a todos. E aí é uma questão de você negociar o espaço físico.

15. Mas houve real investimento na formação dos professores em tecnologia ou foi uma questão de sedução como é dito para essa apropriação?

Houve investimento, sim. Eu fiz meu curso do IBM dentro do colégio. A sedução era porque era tudo novo e eu fui parceira de primeira hora. Não porque eu fosse melhor do que ninguém. Eu não sabia nada, eu lá sabia o que era animação gráfica, mas à medida que eu fui trabalhando, aquilo foi me interessando e eu fui tentando, tentando e estudar mesmo. E hoje essa reunião que tem de informática, a gente não tinha. Então sentava eu e Cereja pra organizar, num tinha nada. Então a gente criou uma ementa, a gente fez essas coisas todas. Então era Beбето com Português, não me lembro se com 5ª ou com 6ª série, Nicola e Ana Zulmira com Matemática, e eu com a 7ª série na época com animação

gráfica, e parava aí. Depois foi ampliado, 8ª série, 1º e 2º do ensino médio. Enfim que você tivesse pelo menos uma disciplina ligada à informática educativa. Era a sedução, mas houve um processo dentro da escola pra isso. Então, dentro desse investimento em formação continuada que há no colégio, a informática fez parte, pelo menos como abertura e possibilidade para aqueles que quisessem, estivesse aberto a isso. Foi oferecido aos funcionários, o horário era horroroso que era no horário do almoço que era a hora que tinha o laboratório aberto. Eu fui buscar algumas coisas fora. Eu fiz curso de imagem fora. Naquela época eu paguei do meu bolso. Futuquei muito, aquilo que eu não sabia, eu ia lá e errava e acertava e perguntava pras pessoas. Hoje você tem um departamento de design, um departamento de informática, mas você ia muito pelas pessoas. E nasceu tudo junto, informática, mídia e aí foi ampliando de alguma forma. Foram várias coisas que foram se modificando. Aqueles quadros maravilhosos, fantásticos, os *smartboards*, não acho que o conhecimento melhora ou piora em função disso. Efetivamente, não acho. Acho que a gente tinha que ter mais pros meninos em sala de aula, como ampliou-se em relação à biblioteca. Eu sinto falta de um espaço de lazer, não sei se de lazer ou convivência dos alunos. E também pros funcionários.

16. Última pergunta. Vamos fazer de conta, você está trabalhando nesse colégio, e nesse colégio os alunos trazem unicamente seus laptops, entram em uma sala, um espaço conectado em rede onde têm acesso a todas as disciplinas ou conhecimentos de que necessitam. Eles escolhem o tópico a ser assistido ou estudado que pode ser escrito ou em forma de vídeo. Os professores acompanham o processo e estarão disponíveis para eventuais dúvidas. Como você se vê nesse ambiente escolar? Que pontos positivos e/ou negativos você percebe?

Eu não me vejo nesse lugar. Acho que o que diferencia a escola é a relação, é a relação que é construída. Todas as coisas envolvidas nessa relação, elas são fundamentais. A questão do laptop, da sala em rede etc., ela não vai impedir efetivamente que as pessoas estejam juntas. É

importante propiciar, de alguma forma, momentos em que as pessoas vão estar juntas. Essa escola idealizada, de 2030, 40 ou sei lá o quê, se a gente fosse falar de hospital, de instrumental, do século XIX pro século XXI, acho que a gente tem um grande diferencial. Mas se a gente olhar pra escola do século XIX e olhar para a escola do século XXI, ela se mantém, hierarquicamente, uma cabeça atrás da outra, um professor, um quadro branco de pilot, um quadro verde que é de giz, um vídeo, mas a forma de organização institucional, ela se mantém. Então, enquanto essas grades curriculares não forem abertas, as possibilidades não forem mais amplas, eu não vejo mudança e aí, se vai ser com laptop, se vai ser com livro, se vai ser com módulos... Talvez se a gente tivesse um número menor de pessoas, através dos interesses, mas isso tudo é muito idealizado. Então a gente ainda tem um vestibular que hierarquiza, que disciplina, que coloca prova, que tem nota, enfim. Honestamente, eu não consigo me ver nesse lugar que você fala. Fico imaginando essas ilhas de trabalho etc, mas não vejo só isso não. Acho que tem muito mais pra oferecer e a escola ainda é um espaço social. Talvez seja o único espaço social onde essas redes relacionais sejam desenvolvidas e ampliadas. É muito comum os meninos daqui continuarem em sua trajetória, depois que casam, os filhos que retornam. Tem toda uma história, da sua sala que você sai e vê o sol no pátio do sino, tem características físicas do lugar que é muito comum dos meninos falarem com saudade, daquela coisa bacana, do cheiro do colégio, enfim cultura escolar e inaciana que são bastante típicas. Mas eu acho que as pessoas que têm escrito sobre educação, concordo que elas têm dado pouca voz aos professores, e dado pouca voz aos alunos. Eu imagino que o processo da escola tenha a tendência de agregar pessoas, agregar conhecimentos, agregar situações. Você sempre tem complementações porque a diversidade é ímpar. Esse lugar que você coloca me lembra muito um determinado colégio onde você só tem o top de linha. E eu acho que a necessidade da escola hoje no colégio é a aceitação da diversidade.